

EDITORA ALFA-OMEGA E O ENCANTAMENTO DAS FONTES

EDITORA ALFA-OMEGA AND THE ENCANTMENT OF SOURCES

Gustavo Orsolon de Souza

Doutor em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: gustavouerj2018@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apontar os caminhos trilhados para a obtenção das fontes que embasaram a minha tese de doutorado sobre a editora Alfa-Omega e sua produção literária. A ideia é explicitar as expectativas, as angústias e as conquistas que, certamente, fazem parte da vida do pesquisador e que movimentam o ritmo da pesquisa acadêmica.

Palavras-chaves: Fontes; Editora Alfa-Omega; Produção Acadêmica.

ABSTRACT

This article aims to point out the paths taken to obtain the sources that supported my doctoral thesis on the Alfa-Omega publishing house and its literary production. The idea is to explain the expectations, anxieties and achievements that are certainly part of the researcher's life and that move the rhythm of academic research.

Keywords: Sources; Publisher Alfa-Omega; Academic Production.

INTRODUÇÃO

O Jornal de Caxias noticiou, no dia 28 de fevereiro de 1983, a comemoração do aniversário de 10 anos da editora Alfa-Omega. Ao felicitar a aniversariante, o periódico do Rio Grande do Sul destacou o livro *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais, publicado em 1976:

Ao completar 10 anos de atividades, a editora Alfa-Omega de São Paulo, dirigida por Fernando e Claudete M. Mangarielo, lança a 19ª edição de "A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro", livro que se tornou o carro-chefe da editora. Com a 18ª foram vendidos 156.000 exemplares e a 19ª edição de 10.000 exemplares, logo logo será esgotada (...).

Por ocasião de seu 10º aniversário a Alfa-Omega editou um catálogo comemorativo, com a relação de todas as suas edições e comentários das obras mais importantes (...) (JORNAL DE CAXIAS, 1983).

O livro de Morais tornou-se um *best-seller* da Alfa-Omega. Apesar de não ser possível averiguar o número total de exemplares vendidos, de acordo com o historiador Flamarion Maués (2020), o livro pode ter alcançado uma vendagem de aproximadamente 265 mil exemplares. O Jornal de Caxias destacou a 19ª edição, sendo pertinente lembrar que o livro de Morais foi reeditado por mais dez vezes pela Alfa-Omega. Somente a partir da

30ª edição o livro *A Ilha* deixou de fazer parte do catálogo da editora, sendo editado por outra casa, a Editora Companhia das Letras (MAUÉS, 2020).

Assim como o livro de Morais, a editora Alfa-Omega lançou outros títulos que marcaram uma época. Em quatro anos de funcionamento, por exemplo, a editora já contava com mais de quarenta títulos em seu catálogo, dentre eles: *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, de Reinaldo Xavier Carneiro Pessoa (1973); *Intuição Heurística: uma análise científica da intuição criadora*, de Jacob Bazarian (1973); *Quatro Cantos de Pavor e Alguns Poemas Desesperados*, de Álvaro Alves de Faria (1973); *Universidade Brasileira: reforma ou revolução?*, de Florestan Fernandes (1975); *Sociologia e Sociedade no Brasil*, de Octavio Ianni (1975); *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós (1977).

Todas essas obras formavam um catálogo bastante robusto para uma jovem editora, que nasceu em janeiro de 1973, em São Paulo, em meio a um período marcado pela repressão política, editando obras de oposição ao governo, muitas destinadas ao público universitário. Fernando Celso de Castro Mangarielo e sua esposa, Claudete Machado Mangarielo, foram os idealizadores da Alfa-Omega, e desempenharam ao longo da trajetória da editora um papel social bastante importante: o de propagar o pensamento crítico e científico, através da sua produção literária.

No ano da inauguração, em 1973, o jornal *Diário da Noite*, de São Paulo, veiculou uma nota na qual dizia que a nova editora seria “uma janela aberta para os escritores preocupados com a nossa realidade, com o Brasil de agora, com o nosso processo econômico-político-social”. Essa mesma nota ainda ressaltou que a Alfa-Omega iria “editar somente escritores” que trariam “uma real contribuição à fase vivida pelo nosso País”, ou seja, seria uma editora preocupada com as questões do tempo presente (DIÁRIO DA NOITE, 1973).

E não foi diferente. A editora privilegiou em seus catálogos obras que, de fato, traziam uma reflexão crítica sobre a situação vivida no país. Os livros da Alfa-Omega ultrapassaram a barreira da informação, eles foram lançados com uma proposta diferente, de se tornar uma espécie de ferramenta de utilidade pública, ou seja, o conteúdo inserido em cada obra deveria servir para um debate mais amplo com a sociedade.

A Alfa-Omega, que completará 50 anos no próximo ano, ainda em plena atividade, não mudou o seu perfil ideológico ao longo de sua trajetória, mesmo em momentos difíceis, de possíveis repressões políticas. Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo mantiveram-se firmes no ofício de editar e levar para o grande público as principais questões políticas e sociais da sociedade brasileira.

Desde 2018 tenho a editora Alfa-Omega como objeto de estudo. Vale ressaltar que a História Editorial ainda é campo carente no Brasil, embora alguns bons estudos tenham dado corpo à bibliografia na última década. O meu interesse neste artigo é apresentar

algumas das fontes que embasaram a minha tese de doutorado em História Social, sobretudo nos primeiros anos de funcionamento da editora Alfa-Omega. A ideia é apontar as expectativas, as conquistas e as dificuldades com as fontes que movimentaram a dinâmica e o desenvolvimento da pesquisa.

2 O HISTORIADOR E SEUS DILEMAS

Iniciado o Doutorado, em 2018, a estratégia escolhida para começar os trabalhos de pesquisa foi visitar a sede da editora para conhecer pessoalmente os editores, solicitar a autorização para a pesquisa e verificar as possibilidades de documentação da casa. Acreditava, à primeira vista, que encontraria um arquivo organizado, com toda a documentação da história da editora preservada.

A visita ocorreu no primeiro semestre do ano em questão. Destaco a receptividade, o acolhimento e a gentileza dos editores, que perceberam de imediato a importância do trabalho e estiveram sempre prontos a ajudar. Em pouco mais de duas horas que permaneci na editora, fui conduzido por todas as dependências da empresa. Fernando Mangarielo fez questão de mostrar toda a estrutura, desde o depósito construído no subsolo, onde guarda parte da produção de livros, até sua mesa de trabalho, onde prepara cuidadosamente a obra que será entregue ao cliente.

Após esse percurso inicial, que me trouxe um pouco a dimensão da empresa, busquei informações sobre o arquivo. Afinal, a documentação preservada da editora seria a chave para o desenrolar da tese. A intenção era encontrar as correspondências dos editores com os autores, os primeiros catálogos, os processos internos da produção de alguns títulos e outros documentos que pudessem retratar a história da Alfa-Omega e sua função político-social. Neste momento, apareceu o primeiro obstáculo: a ausência de um arquivo organizado com toda documentação catalogada em um sistema informatizado, ou pelo menos manuscrito. Hoje considero certa ingenuidade da minha parte de acreditar em encontrar ali todas as fontes, perto do alcance das mãos.

A Alfa-Omega não conta com um arquivo neste formato, organizado e preparado para ser consultado. Mas isso não quer dizer que os editores tenham deixado de guardar seus documentos e produzido seus catálogos. Existem alguns arquivos, em formato de armário, com material sobre a empresa. O fato é que seria inviável realizar em quatro anos um trabalho de mapeamento e de organização desse material.

A impossibilidade de poder trabalhar com o arquivo privado da editora me trouxe um sentimento de angústia e de vazio. Como construir a tese sem as fontes que imaginava encontrar? Essa pergunta pairou sobre meus pensamentos durante algum tempo.

Mas, como historiador, meu trabalho consiste em lidar com a falta, com as lacunas, com a ausência. Afinal, um texto acadêmico também se constrói com aquilo que não se tem. Partindo deste princípio, voltei gradativamente ao eixo e mapeei todas as minhas fontes, na tentativa de perceber o que seria possível realizar, sem perder os objetivos centrais do trabalho. Afinal, já possuía em mãos algum material bibliográfico sobre o objeto de estudo, como, por exemplo, artigos e periódicos de época.

Neste momento, também percebi que precisaria seguir outros caminhos para entender a história da editora. Um desses caminhos foi trazer parte da sua produção literária para uma análise mais apurada na tese. Como a editora lançou títulos que marcaram uma época, ou seja, livros que repercutiram bastante na mídia escrita, seria uma forma de encontrar, por meio deles, elementos sobre os editores. A ideia foi assertiva, pois através de alguns títulos, encontrei o posicionamento dos editores e algumas características ideológicas da casa. Outro caminho foi buscar em arquivos públicos documentos que mencionassem os editores e a editora Alfa-Omega. Essa estratégia também foi positiva, pois encontrei fontes de periódicos com entrevistas de Fernando Mangarielo e notícias sobre parte da produção da casa.

Feito este levantamento, verifiquei que as peças do tabuleiro começavam a aparecer. Porém, faltava ainda uma entrevista com os editores, sendo esta já uma ideia inicial, moldada ainda na construção do projeto de doutorado. Com a falta das fontes primárias – ou melhor, com a impossibilidade de acesso às mesmas por uma questão de logística – as fontes orais seriam, então, uma boa estratégia para sanar, ou pelo menos amenizar, as lacunas deixadas pela documentação.

A entrevista foi realizada no segundo semestre de 2018, um ano e meio antes da pandemia, de forma presencial, em uma segunda visita realizada à sede da Alfa-Omega. Os editores foram entrevistados separadamente, sendo Fernando Mangarielo primeiro e Claudete Machado Mangarielo, em seguida. Toda a entrevista foi gravada e transcrita, posteriormente. Ciente dos limites que as fontes orais podem trazer, o material contribuiu bastante para entender como surgiu o interesse de criação da editora Alfa-Omega e também conhecer os caminhos trilhados pelos editores antes de decidir abrir o empreendimento.

Para além dessas questões mais gerais, procurei também evidenciar nas entrevistas temas específicos, como, por exemplo, o sentimento mais íntimo em relação à atuação profissional. Em suma, Fernando Mangarielo afirmou que nunca sentiu o desejo de mudar o seu pensamento: “Na maneira de pensar não. Porque eu editei membros da sociedade com espírito crítico. Notadamente foi missão anticapitalista, certo? Significando isso uma tomada de posição minha (...)” (Entrevista, 2018). Claudete Mangarielo compartilhou o

mesmo pensamento do marido, trazendo a seguinte reflexão: “O que foi feito, foi feito” (Entrevista, 2018).

As entrevistas e as demais fontes foram extremamente importantes e contribuíram para o desenvolvimento das primeiras linhas da tese, ou seja, as primeiras peças começavam a ser encaixadas. Mas, como todos sabem, o trabalho de pesquisa acontece no seu caminhar, e quando você menos espera, topa em uma fonte inédita. Essas surpresas positivas que aparecem ao longo da trajetória trazem um ânimo novo e movimentam o ritmo da pesquisa. E não foi diferente, encontrei uma dessas preciosidades no segundo ano de estudo. A fonte encontrada moldou o recorte cronológico do trabalho: um jornal informativo, do ano de 1984, contendo o catálogo da editora, preservado nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Como já salientou o antropólogo Gustavo Sorá, “o catálogo pode ser visto como um documento de identidade dos editores”, ou seja, “é o instrumento que reúne a ‘obra’ do editor, por meio do qual se dá a conhecer e compete com outros concorrentes num mercado, à espreita da demanda livreira” (SORÁ, 2010, p. 271-272).

Esta fonte apresentou todos os títulos produzidos pela Alfa-Omega ao longo de sua trajetória, nos seus onze anos de existência no mercado editorial. Era uma das informações que tanto queria encontrar. Nas duas visitas realizadas à sede da editora, houve até uma tentativa dos editores de localizar algum catálogo antigo, mas sem sucesso. Os catálogos levantados por Claudete Machado Mangarielo, naquela hora, foram todos correspondentes ao final década de 1980. Nem mesmo o catálogo comemorativo do aniversário de 10 anos da editora – mencionado no início do artigo, e que parece ser uma fonte bastante interessante para uma análise apurada – foi encontrado.

Essa fonte chave – o catálogo de 1984 – tornou-se o mais antigo encontrado e trouxe mais uma perspectiva de leitura para entender o perfil ideológico da Alfa-Omega. Em outras palavras, foi mais um caminho possível para dar conta dos objetivos da tese. Através do catálogo pude perceber os autores mais editados, as áreas de maior interesse da editora e a forma de organização dos títulos.

O catálogo foi inserido em um jornal intitulado *Informativo da Alfa-Omega*, que circulou como meio de divulgação da editora durante a 8ª Bienal do Livro, em São Paulo. Logo na capa, a intenção da editora foi evidenciada. A mesma afirmou que não era a intenção apenas divulgar suas publicações, mas trazer seus títulos para o contexto político e econômico da época, como uma espécie de instrumento para ajudar os leitores com suas reflexões ao momento vivido no Brasil:

Em sua oitava edição, uma nova Bienal Internacional do Livro. E desta vez, ao mesmo tempo em que o Brasil discute Olimpíadas, debate sucessão presiden-

cial e fala em crise – sob o peso da dívida externa, dos juros pagos em dólares e das ingerências do FMI.

Medalhas de ouro à parte, é difícil – cada vez mais difícil – falar da vida de todos os dias, sem esbarrar na política e nos políticos, na economia e nas teorias econômicas. É por isso que o acervo da editora Alfa-Omega, exposto ao lado da restante produção cultural brasileira nesta Bienal é mais do que oportuno (INFORMATIVO DA ALFA-OMEGA, 1984).

Observei, nesse discurso de abertura, a sensibilidade dos editores para com as questões político-sociais enfrentadas pelo país. Ou seja, vi que a editora se posicionou de forma atenta e preocupada principalmente com os embates políticos da época. Vale lembrar que as atenções estavam voltadas para o movimento das Diretas Já! O deputado federal Dante de Oliveira tinha lançado a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº5, em 1983, com o objetivo de restabelecer as eleições diretas para Presidente da República. Assinada por 176 deputados e 23 senadores, a Ementa Dante de Oliveira – como ficou conhecida – ganhou força e mobilizou toda uma nação (MORALIS, 2008).

De acordo com a pesquisadora Edileusa Gimenes Moralis (2008), o “slogan Diretas Já!” explodiu como uma “bomba benéfica” em todo o Brasil, atingindo as mais diferentes classes sociais, sendo um movimento de “união de ricos e pobres, intelectuais e populares num mesmo espaço público” (MORALIS, 2008, p. 101-102). O momento, portanto, foi de tentativa de redemocratização, e este desejo foi enaltecido pela Alfa-Omega, como ainda pode ser lido em outro trecho, no mesmo texto de abertura:

Aqui estão alguns dos principais autores da literatura política e econômica progressista brasileira e internacional, os temas que mobilizam a ação política da sociedade civil em sua luta pela redemocratização, a memória política brasileira em forma de livro. Apesar das épocas de arbítrio e censura, apesar da crise e principalmente por causa dela. Resultado de 11 anos de trabalho ininterrupto dirigido a favor do autor nacional e da cultura brasileira (INFORMATIVO DA ALFA-OMEGA, 1984).

Ao divulgar o seu cardápio no jornal informativo, a editora mostrou aos leitores o seu posicionamento político, refletido em suas publicações. A Alfa-Omega, nessa época, já era conhecida como uma editora de oposição, especializada em publicações voltadas para a “literatura política”. Ela estava entre as quarenta editoras que atuavam nessa mesma linha, ao lado de casas bastante conhecidas no mercado editorial como, por exemplo, a Brasiliense, a Civilização Brasileira, a Codecri, a Global, a Paz e Terra, a Vozes e a Zahar (MAUÉS, NERY, REIMÃO, 2015).

O catálogo foi dividido por áreas de conhecimento, o que facilitou bastante a visualização das obras e a intenção da editora. Vale ressaltar que a divisão também foi algo propositivo por parte dos editores, e que não pode passar despercebida por nós pesqui-

sadores. Segundo Sorá, “o conjunto de títulos, autores, gêneros e coleções distribuiu-se hierarquicamente no interior do catálogo, com base numa ordem que remete ao agente classificador e a gênese de suas razões práticas” (SORÁ, 2010, p. 271-272). Em outras palavras, o que Sorá destacou foi que “para a compreensão do significado de um livro, num sistema de livros, é a partir do catálogo daquele agente, que decide as formas de entregá-lo ao público por meio de sua publicidade”, que devemos nos atentar (SORÁ, 2010, p. 271-272). Nesse sentido, com o catálogo de 1984 da Alfa-Omega foi possível perceber como a editora apresentou os seus títulos e quais classificações foram escolhidas para chamar a atenção e atrair o seu público.

O catálogo foi dividido nas seguintes seções: “Marxismo”; “Comunicações”; “Contos”; “Direito”; “Filosofia”; “História”; “Infantil”; “Memórias”; “Pedagogia”; “Poesia”; “Reportagem”; “História Imediata”; “Romance”; “Sociologia”; e “Outros”. Nessas quinze seções encontram-se cento e quarenta e três livros publicados até o ano de 1984.

Para além dessas questões mais gerais apresentadas pelo catálogo de 1984, avancei um pouco mais na análise das seções. Nesta análise cuidadosa, observei que a seção intitulada “História” foi a mais expressiva, contendo trinta e três títulos, dentre eles: *Carta aos Comunistas*, do militar e político Luís Carlos Prestes; *A Classe Operária no Brasil (1889-1930)*, do advogado e professor da USP Paulo Sérgio Pinheiro, e do historiador estadunidense e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Michael M. Hall; *A Coluna Prestes (3ª ed.)*, do advogado e militante político Lourenço Moreira Lima; *Coronelismo, Enxada e Voto (4ª ed.)*, do advogado e professor da Universidade de Brasília (UnB) Victor Nunes Leal. Ou seja, uma editora que privilegiou bastante a história do Brasil.

Ainda com o olhar minucioso para as seções do catálogo, uma delas, em particular, me chamou bastante atenção, intitulada “História Imediata”. Essa seção foi composta por uma coleção de revistas – produzida em papel jornal –, no total de cinco volumes, com temas quentes para o calor da hora.

Ao me debruçar sobre os volumes da “História Imediata”, fiquei entusiasmado com as possibilidades que aquela coleção poderia trazer para tese. Os temas abordados, candentes, para uma época marcada pela repressão política, precisavam ser analisados com mais cuidado. Afinal, a Alfa-Omega estava tocando em assuntos considerados tabus, alguns proibidos pelo Estado.

Foi, então, que a coleção “História Imediata” tornou-se também uma fonte importante, sendo explorada no quarto e último capítulo da tese. A coleção apresentava os seguintes títulos: *A Guerrilha do Araguaia*, de autoria de Palmério Dória, Sérgio Buarque de Gusmão, Vincent Carelli e Jaime Sautchuk; *A Greve na Voz dos Trabalhadores – da Scania a Itu*, da Oboré; *Araceli – Corrupção em Sociedade*; de Carlos Alberto Luppi, *D. Paulo Eva-*

risto Arns – o Cardeal do Povo, de Getúlio Bittencourt e Paulo Sérgio Markum; e *A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador*, de Luiz Henrique Romagnoli e Tânia Gonçalves.

A essência da “História Imediata” estava na sua função social, e ela conseguiu responder de forma clara e objetiva perguntas sobre determinados temas que estavam escondidos pela história oficial do Estado. Neste momento, tentei enveredar na localização dos autores, numa tentativa de estabelecer contatos. A intenção era conhecer mais de perto o processo de produção de cada volume. Mas aqui me deparei com o segundo obstáculo. As tentativas de contato foram feitas, mas não houve o retorno. Sendo assim, optei por entender a coleção através de outro ângulo, a partir dos seus elementos introdutórios, porque já havia percebido que cada volume tinha uma forma de apresentação, ou seja, os elementos ultrapassavam a função de apresentar a obra para o leitor, eles resignificaram a coleção a cada novo volume, e estabeleceram um lugar de prestígio a ela.

Os textos introdutórios, assim como também as capas e contracapas, mostravam a coleção “História Imediata” como um veículo de comunicação, informação, reflexão e debate. Ou seja, os elementos introdutórios tiveram a proposta de indicar que as revistas tinham uma função social importante, e que não deveriam ser descartadas após a leitura. Seus conteúdos tinham a missão de uma conscientização mais ampla: as ideias contidas ali, de acordo com seus autores, deveriam ser compartilhadas com outras pessoas e grupos, e que se tornassem, de fato, uma ferramenta eficaz no combate ao silenciamento de tantos temas e personagens.

Avançando um pouco mais no estudo da coleção, selecionei os dois primeiros volumes para uma análise mais detalhada. A ideia foi verificar como as revistas foram construídas por seus autores. Alguns motivos levaram à escolha dos volumes *A Guerrilha do Araguaia* e *A Greve na Voz dos Trabalhadores*. Dentre esses motivos, destacam-se: o ineditismo dos temas abordados; o silenciamento dado à guerrilha do Araguaia; e a cobertura de um fato em plena efervescência, como é o caso da greve na região do ABC paulista.

Esses volumes possuíam também características que ajudaram a revelar um pouco dos traços ideológicos da coleção como um todo. Nos dois volumes, os temas foram desenvolvidos através das vozes daqueles que viveram ou participaram dos respectivos episódios. Nesse sentido, os depoimentos foram as chaves para o desenvolvimento do enredo. Um outro método apreciado em ambos os volumes foi a utilização de imagens fotográficas. No volume sobre a Guerrilha do Araguaia, por exemplo, embora não existissem registros dos ataques, os autores procuraram enfatizar o enredo através das fotografias dos depoentes, como a do coronel Jarbas Passarinho; a do militante José Genoíno Neto; a do padre Humberto Riolland; e a do indígena Areni. No volume sobre a greve na região do ABC Paulista, as imagens fotográficas de alguns depoentes sindicalistas também foram

evidenciadas, como a de Luís Inácio Lula da Silva; a de Miguel Galhardo; e a de Joaquim dos Santos Andrade.

Foi interessante observar também que ao mesmo tempo em que o uso das imagens fotográficas foi uma característica comum entre os dois volumes, acabou sendo uma particularidade que os diferenciou. Com a escassez de fontes sobre a Guerrilha do Araguaia, as imagens se resumiram basicamente aos depoentes, o que não aconteceu no volume sobre a greve do ABC paulista. Neste, a gama de possibilidades foi maior, os autores da Oboré possuíam em mãos um maior número de imagens fotográficas. Assim, o volume apresentou não somente as imagens de depoentes, como também, imagens do próprio movimento, ou seja, dos trabalhadores em greve.

Outra diferença – e talvez o ponto que mais distancie os dois volumes – foi o recorte cronológico. A Guerrilha do Araguaia teve a sua história encerrada em 1974. Isso significa que, quando o tema foi abordado pela coleção “História Imediata”, os autores já tinham a ideia de todas as fases do movimento. Como afirmou o historiador Wellington Sampaio da Silva, “os jornalistas agiriam enquanto correspondentes de uma guerra que já havia sido concluída pelas armas, mas que em termos de disputa por meio da escrita estava apenas começando” (SILVA, 2019, p. 33). Já em relação às greves dos operários paulistas, a história ainda acontecia no momento do lançamento da revista, ou seja, os desdobramentos das greves eram ainda desconhecidos.

A partir desses dois volumes, foi possível afirmar que se tratou de uma coleção que procurou narrar os fatos através do olhar daqueles que viveram o episódio. Sobre a Guerrilha do Araguaia, por exemplo, o professor José de Souza Martins lembrou que os autores

(...) empenharam-se na coleta de testemunhos, no registro mais minucioso dos depoimentos que foi possível ouvir. Não enriqueceram ainda mais esta coletânea porque oficiais militares envolvidos no combate à guerra não quiseram falar, informar, esclarecer. Tentaram a reconstituição por meio indiretos, ouvindo a palavra de quem pudesse dizer uma coisa ou outra. Agiram com exemplar imparcialidade. Pode-se imaginar as dificuldades que encontraram (MARTINS, 1978, p. 6).

Mesmo com a escassez de fontes, devido ao silenciamento de diversas pessoas com medo de represálias, os autores conseguiram estabelecer um limite para a revista e informar para o leitor que o trabalho não foi uma investigação completa a respeito da guerrilha. A tentativa foi, sem dúvida, apresentar o episódio com a maior riqueza de detalhes, embora tenha ficado claro também que a proposta foi trazer uma versão parcial. Neste sentido, a revista foi construída em sete seções, intituladas: “Entrando na História”, “O Militar – Entrevista com Jarbas Passarinho”, “O Guerrilheiro – Depoimento de José Genuíno Neto”, “Os Combates na Selva, Segundo o *Araguaia*”, “Os Índios Suruí Contam

o Fim da Guerra”, “A Igreja – Depoimento do Padre Humberto Rialland” e “Araguaia Hoje – Volta ao Centro da Guerrilha”. Para além dessas seções mais direcionadas, a revista também contou com “Nota dos Autores”, “Apresentação – José de Souza Martins” e “Anexos”.

A Guerrilha do Araguaia ocorreu entre os anos de 1972 até 1974, na região do Araguaia, “localizada nos limites territoriais do sudeste do Pará, norte do Tocantins (à época, estado de Goiás) e oeste do Maranhão”, uma área com mais de “40 mil quilômetros quadrados de extensão territorial” (REIS, 2013, p. 57). Nas palavras do historiador Jacob Gorender, uma “área que se caracterizava pelo povoamento recente, baixo nível de conflitos sociais e insignificância econômica” (GORENDER, 1987, p. 208). Na interpretação do arqueólogo Rafael de Abreu Souza, uma região marcada pela “marginalização e violência do Estado para com a população camponesa”, essencialmente “indígenas e migrantes vindos do Centro-Oeste e dos estados do Nordeste” (SOUZA, 2019, p. 60).

Mesmo a derrota sendo reconhecida anos depois, houve também certa demora para a temática ser comentada ou tratada em estudos específicos. Antes disso, quase nada foi falado sobre o assunto. Até ocorreu um ensaio, em 1972, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, ao noticiar a guerrilha. Para o final do ano de 1975, após o Exército decretar oficialmente por encerrada a guerrilha, algumas informações foram veiculadas pela imprensa, como, por exemplo, no *Coojornal*, de Porto Alegre; no *Movimento* e na *Isto É*, de São Paulo (MARTINS, 1978, p. 7). Entretanto, as primeiras aparições com uma discussão mais cuidadosa do tema surgem com as publicações da Alfa-Omega: a revista *A Guerrilha do Araguaia*, de 1978; e o livro *Diário da Guerrilha do Araguaia*, de 1979, organizado por Clóvis Moura. Concordei com o historiador Silva ao caracterizar a revista da Alfa-Omega, em plena década de 1970, como uma espécie de documento, visto que o movimento, até aquele momento, “dispunha de poucos registros escritos” (SILVA, 2019, p.34).

Assim como *A Guerrilha do Araguaia*, o volume *A Greve na Voz dos Trabalhadores* também foi pioneiro por se tratar de uma obra construída ainda no desenrolar do seu acontecimento. O dia 12 de maio 1978 foi uma data emblemática para a classe operária do Brasil, pois foi quando os funcionários da Scania, em São Bernardo do Campo, decidiram parar as máquinas e protestar contra os baixos salários e as péssimas condições de trabalho.

A greve nasceu de uma decisão espontânea do pessoal do diurno da ferramentaria. O pessoal do noturno estava saindo, quando o turno do dia entrou e não ligou as máquinas. Ninguém começou a trabalhar. Não se ouvia o menor barulho na fábrica. Eram sete horas da manhã do dia 12 de maio. Uma sexta-feira (OBORÉ, 1979, p. 7).

Foi desta forma que Gilson Menezes, operário da SAAB Scania e delegado de base do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, relatou o início da

greve, movimento este que se expandiu rapidamente para outras regiões paulistas e do Brasil. Este depoimento de Gilson abriu a primeira seção – “A Surpresa” – da revista da Alfa-Omega.

Além de Gilson, vários outros sindicalistas e operários concederam depoimentos para os autores da revista produzida pela Oboré. O volume foi dedicado ao movimento grevista do ABC paulista, região composta pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, no interior de São Paulo. A revista foi dividida em 10 seções intituladas: “A Surpresa”, “Repressão e Medo”, “Solidariedade Internacional”, “A Greve Chega a São Paulo”, “Osasco: dez anos depois”, “Os personagens”, “A Força da Mulher”, “Desorganização e Derrota”, “A Vitória da Resistência” e “A Greve Continua...”. Para além desses capítulos mais direcionados, a revista contou com “Nota de D. Paulo Evaristo Arns”. “Prefácio” e “Nota dos Editores”.

Sobre o ciclo de greves de 1978, o sociólogo Iram Jácome Rodrigues destacou uma característica importante sobre o movimento: a “greve por fábrica” (RODRIGUES, 1991, p. 148). Isso significa que o processo começou aos poucos, por empresa, e foi se alastrando para outros lugares. Tal afirmação pode ser observada na estrutura da revista, onde cada seção foi dedicada a uma empresa, dentre elas: a Scania, a Pirelli, a Constanta, a Ford e a GE. Ou seja, os autores da Oboré observavam a evolução das greves, acompanhando empresa por empresa.

Além disso, outra característica que Rodrigues salientou e que também está presente na revista da Alfa-Omega foi o “trabalho ‘miúdo’”, realizado no “interior das fábricas”. Na visão do sociólogo Marco Aurélio Santana, um trabalho no “chão de fábrica” (SANTANA, 2018, pp. 19-65). Essa prática, nem sempre fácil, foi fundamental para o sucesso do movimento. Em depoimento para a seção “Derrubando o Arrocho”, Euzébio Silva, operário da Pirelli e Delegado de base do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, destacou o papel dos companheiros. Segundo ele, os “trabalhadores com maior clareza dentro da Pirelli” se organizaram para mobilizar e levar posições do sindicato para os outros colegas dentro da empresa. No depoimento para a seção “Na Hora Certa”, Estevaldo Santiago de Araújo, operário da Constanta e Delegado de base do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, deixou evidente esse “trabalho miúdo” ao afirmar que a mobilização acontecia até mesmo dentro dos banheiros:

A organização não foi tão grande como devia. Teve muito furo, mas no geral até que foi positiva. De qualquer jeito, a coisa estava esquentando bastante e, para comprovar isso, bastava entrar no banheiro e ver os cartazes que os companheiros colocavam nas portas. Era um tal de aparecer recorte de jornal falando de greve e cartazes dizendo ‘Nós Vamos Parar!’ (OBORÉ, 1979, p. 16).

Foi através desse “trabalho miúdo”, de empresa por empresa, que a mobilização ganhou força e forma na região. Estima-se que no ABC paulista cerca de quarenta e uma empresas entrou em greve no ano de 1978 (MOURA, 2010, pp. 36-58).

Resumidamente, ao observar esses dois volumes, constatei que a revista *A Guerrilha do Araguaia* foi um documento em seu tempo – visto que, até aquele momento, apenas algumas escassas notícias foram veiculadas pela imprensa sobre o episódio. Essa mesma constatação apliquei à revista *A Greve na Voz dos Trabalhadores*, sendo este também um documento bastante original em sua época, produzido no calor dos acontecimentos. Tanto uma obra quanto a outra foram inéditas, e trouxeram explícitos um pouco do perfil e da proposta da própria editora: discutir com o grande público as questões político-sociais do país.

Não cabe neste artigo enveredar em uma análise pormenorizada sobre esses e os outros volumes da coleção, visto que o objetivo aqui foi apresentar as principais fontes que embasaram a minha tese e os caminhos escolhidos para construir parte da história dos anos iniciais da editora Alfa-Omega. Portanto, por ora, fica a reflexão de como um catálogo e a produção literária podem revelar a atuação política e social de uma editora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FASCÍNIO PELAS FONTES

88

A cada dia que encontrava uma fonte nova ou apurava uma informação inédita com os editores, aumentava o entusiasmo para seguir em frente e não desistir diante daquelas fragilidades emocionais, que inevitavelmente atingem qualquer pesquisador. O fascínio que as fontes trazem foi o combustível necessário para não esmorecer e, dessa forma, construir parte da memória Alfa-Omega, uma editora de oposição, criada por um jovem casal e que teve uma função muito importante no país, funcionando como uma espécie de *locus* de produção literária brasileira, onde os autores nacionais – alguns até mesmo desconhecidos do grande público – foram acolhidos para expressar o seu pensamento crítico e reflexivo, em um período marcado pela censura militar.

Sendo assim, o primeiro esforço da tese foi o de conhecer os jovens Fernando Mangarielo e Claudete Machado Mangarielo, os responsáveis por dar vida a Alfa-Omega. A empresa, sediada no pequeno apartamento do casal, lançou *A Ideia Republicana no Brasil, Através dos Documentos*, de Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, como a sua primeira publicação. Em aproximadamente uma década, a Alfa-Omega já alcançava o seu lugar ao sol, ficando próxima às editoras renomadas do mercado. Com um catálogo bastante rico e promissor, a editora superou a marca de cento e quarenta títulos em onze anos de atividades.

Ainda nesta parte do trabalho, ficou nítida a tendência dos editores em publicar autores nacionais e temas ligados às Ciências Humanas. Essa foi uma característica que marcou o perfil dos editores e da Alfa-Omega. O leitor, ao se deparar com uma publicação da Alfa-Omega, podia ter a certeza de encontrar um material consistente, sobre os diversos aspectos da conjuntura política, econômica e social do Brasil. Os leitores passaram a ter em mãos não apenas um livro, mas uma espécie de ferramenta de utilidade pública.

Em seguida, e sem querer dar conta de analisar a rica e polêmica produção bibliográfica da editora, alguns títulos do catálogo de 1984 foram projetados na tese em decorrência da repercussão depois de editados. Isso trouxe uma visão um pouco mais ampla da importância da Alfa-Omega na construção de um pensamento crítico. Foram livros e coleções que marcam a história da editora, como o caso da obra *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Morais, publicado em 1976; e da coleção História Imediata, publicada entre os anos de 1978 e 1979.

Dessa forma, a tese foi sendo construída. A angústia inicial – ocorrida pela ausência de um arquivo privado, organizado, com a documentação pessoal dos editores e da editora – foi sendo diluída. Percebi que poderia construir boa parte da pesquisa utilizando outros métodos e elementos, como as fontes destacadas nesse artigo: as entrevistas; as fontes de periódicos; o catálogo de 1984; a bibliografia sobre o tema; e a própria produção da casa, como os livros e as revistas que tiveram grande repercussão na imprensa escrita. E esse foi o caminho!

Ainda há muito para ser estudado sobre Alfa-Omega e sua produção literária. A minha tese foi apenas um primeiro trabalho acadêmico, e que está longe de trazer uma totalidade sobre o tema. É um objeto que ainda tem muito a oferecer, principalmente por conta da sua rica produção literária e por sua contribuição para história política do Brasil.

AGRADECIMENTOS:

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

REFERÊNCIA

DÓRIA, P. *et. al.* **A Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

FARIA, Á. de. Leitura. *In: Diário da Noite*, de 14 de março de 1973. Disponível na internet via: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961_05&pagfis=22489. Acesso em: 30 set. 2022.

GORENDER, J. **Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira**: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Editora Ática, 1987.

INFORMATIVO ALFA OMEGA, 1984. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Exemplares, 1984 a 1984. Tombo, I002603713. Localização, 3,051,03,18. Coleção, 1984. Biblioteca, periódicos.

MANGARIELO, C. Entrevista concedida ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

MANGARIELO, F. C. de C. Entrevista concedida ao autor, em São Paulo, no dia 16 de julho de 2018.

MAUÉS, F. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega. Edição, Política e Ditadura: dois livros de oposição da editora Alfa-Omega. **História (São Paulo)**, São Paulo, v. 39, s/n, p. 01-27, 2020. Disponível na Internet via: <http://historiasp.franca.unesp.br/edicao-politica-e-ditadura-dois-livros-de-oposicao-da-editora-alfa-omega/>. Acesso em: 27 dez. 2020.

MAUÉS, F.; NERY, J. E.; REIMÃO, S. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. **Intercom**, São Paulo, v. 38, n. 01, p. 169-190, jan./jun. 2015. Disponível na Internet via: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2210A>-cesso em: 19 jan. 2019.

MORALIS, E. G. **Enunciação e Representação**: na conjuntura das Diretas Já! Tese de Doutorado em Linguística. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2008.

OBORÉ. **A Greve na Voz dos Trabalhadores**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

OBORÉ. Disponível em: <https://obore.com/>

REIS, N. F. I. **Memória Social e Guerrilha do Araguaia**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Goiânia – GO: Universidade Federal de Goiás – UFG, 2013.

RODRIGUES, I. J. As Comissões de Empresa e o Movimento Sindical. In: BOITO, A. (org.). **O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

S/A. Livros. In: **Jornal de Caxias**, Caxias do Sul, de 28 de fevereiro de 1983. Disponível na internet via: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882470&pesq,=araceli%20corrup%C3%A7%C3%A3o%20em%20sociedade&pasta=ano%20197&pagfis=17473>. Acesso em: 30 set. 2022

SANTANA, M. A. Classe Trabalhadora, Confronto Político e Democracia: o ciclo de greves e os desafios do sindicalismo atual. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 104, p. 19-65, 2018. Disponível na internet via: <https://www.scielo.br/j/ln/a/f77DLNR-Z6wnwtgcsfpnyFMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2022.

SILVA, W. S. da. **Livros em Guerra**: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia. Tese de Doutorado em História. Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará-UFC, 2019.

SORÁ, G. A. **Brasilianas**: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

SOUZA, R. de A. **A Materialidade da Repressão à Guerrilha do Araguaia e do Terrorismo de Estado no Bico de Papagaio, TO/PA**: noite e nevoeiro na Amazônia. Tese de Doutorado em Arqueologia. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo – USP, 2019.

91

Recebido/ Received: 02/11/2022
Aceito/ Accepted: 15/03/2023
Publicado/ Published: 30/04/2023